

ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Frantiesca Cheiran Pereira ¹

Elida Pasini Tonetto ²

Denise Wildner Theve ³

RESUMO

O texto apresenta reflexões sobre a experiência de Estágio Supervisionado em Geografia II, do curso de Licenciatura em Geografia da UFRGS, realizado em uma escola pública de Porto Alegre. O estágio incluiu diversos desafios especialmente por ter sido desenvolvido em uma turma de Educação de Jovens e Adultos. Destaca-se que o trabalho foi conduzido com flexibilidade e foco no desenvolvimento do pensamento geográfico, integrando conceitos como espaço, território, paisagem e lugar. As interações foram adaptadas para atender às necessidades e realidades dos alunos, utilizando estratégias que incluíram diálogos, atividades práticas, uso de mapas, recursos audiovisuais e metodologias ativas, como círculos de estudo. Reflexões baseadas em autores como Kaercher (2007) e Cavalcanti (2019) embasaram a prática pedagógica, evidenciando a importância da escuta ativa e da conexão entre o conteúdo e o cotidiano dos estudantes. Momentos de frustração, como a falta de adesão às atividades em alguns momentos, foram equilibrados por conquistas significativas, incluindo relatos emocionantes de alunos sobre o impacto das aulas em suas vidas. O estágio demonstrou a relevância de adaptar materiais e abordagens ao contexto específico, promovendo um ensino que transcende os limites do livro didático e valoriza as experiências dos alunos.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Ensino de Geografia, Pensamento Geográfico, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, compartilho minha experiência como estagiária no Estágio Supervisionado em ensino de Geografia II, no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), refletindo sobre as estratégias pedagógicas adotadas, as interações em sala de aula e as aprendizagens construídas ao longo dessa jornada. O estágio supervisionado foi uma etapa essencial da minha formação, pois me permitiu planejar, mediar o conhecimento e adaptar-me às necessidades dos alunos. Baseando-me nos conceitos de espaço geográfico, paisagem, território e lugar para o

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal - RS, frantiesca.cheiran@gmail.com;

² Professora do Departamento de Ensino e Currículo na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS). Licenciada em Geografia pela Faculdade Cenecista de Osório, especialista no curso “O ensino da Geografia e da História: saberes e fazeres na contemporaneidade”, Mestre e Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutora pela Universidade de Valência - elidapasinitonetto@gmail.com;

³ Professora do Departamento de Ensino e Currículo na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS). Graduada em Estudos Sociais/Geografia. Doutora em Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Geografia. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFRGS), denisetheves@gmail.com.



planejamento das aulas, busquei compreender como a prática docente pode tornar o ensino de Geografia mais significativo para os estudantes.

O estágio ocorreu em Porto Alegre, no ano de 2024, em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Médio, com 12 estudantes matriculados. O aprendizado foi valioso, especialmente sobre a importância da escuta ativa, da flexibilidade no planejamento e da valorização das vivências dos alunos. Ao longo das aulas, enfrentei desafios, vivi momentos prazerosos e pude perceber o impacto da mediação pedagógica na construção do conhecimento.

Meu objetivo com este relato é apresentar como os alunos reagiram às atividades propostas e refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e o meu enquanto professora em formação.

METODOLOGIA

Durante o estágio, registrei minhas percepções em anotações reflexivas após cada aula. Esses registros me ajudaram a analisar a dinâmica da sala, as reações dos alunos e os ajustes que precisei fazer ao longo do processo. Esses relatos formam a base deste artigo, permitindo um olhar mais detalhado sobre a minha trajetória como professora em formação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica da minha experiência se divide em dois eixos. O primeiro trata dos autores que consultei para elaborar meus planos de aula, oferecendo suporte metodológico para minha prática. O segundo se refere aos teóricos que me ajudaram a refletir sobre minha experiência docente.

Para planejar minhas aulas, recorri a Cavalcanti (2019), essencial para estruturar os conteúdos geográficos e definir abordagens pedagógicas. Também me baseei em livros didáticos e paradidáticos para compreender as possíveis sequências didáticas para o conteúdo e temas que a professora regente me designou a trabalhar.

Antes do início do estágio, busquei me preparar para conhecer melhor o tema por meio da leitura de alguns autores. Gohn (2020) contribuiu com reflexões sobre a Educação Não Formal e a aprendizagem para além dos conteúdos tradicionais. O Caderno Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação De Porto Alegre - SMED (1997) ampliou minha compreensão sobre a importância da escuta ativa e do diálogo no processo de ensino no



contexto da EJA. Já em Malysz (2013), encontrei elementos que me ajudaram a dimensionar alguns dos desafios do trabalho docente como estagiária. A obra dos professores Kaercher, Tonini e Castrogiovanni me guiou nas reflexões pós-aula em questões como identidade docente, práticas pedagógicas no ensino de Geografia e o uso do livro didático.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A professora regente me designou o conteúdo "Tecnologias e Sociedades". Na aula 1 estavam presentes 6 alunos. Apresentei uma introdução dialogada que contextualizava as relações entre tecnologias e transformações sociais, culturais e espaciais ao longo da História. A interação foi dinâmica e os alunos contribuíram ativamente com suas experiências e questionamentos. Para a aula 2 eles deveriam escolher uma das tecnologias discutidas e explicar como ela alterou o espaço geográfico em termos de uso do solo, organização das cidades, ou impacto ambiental. No entanto, os 4 alunos presentes iniciaram uma conversa comigo sobre suas vidas, intimidades das suas relações familiares que eu tentei por três vezes encerrar e voltar para o conteúdo, mas desisti e acolhi os alunos com atenção. A flexibilidade permitiu acolher as necessidades dos alunos e adaptar as atividades conforme necessário, promovendo um ensino que transcende os limites do currículo e valoriza as vivências dos alunos.

Apesar dos desafios, momentos gratificantes marcaram a experiência, como ao final do primeiro período o comentário de um aluno sobre a aula ter "feito pensar". Considerei que usei um plano B no segundo período e que uma aula de geografia foi realizada já que contextualizei as falas dos alunos com as visões de mundo da nossa ciência. No entanto, uma inquietação ficou sobre metodologia e didática, "em uma aula tradicional o foco não seria desviado e eu queria experimentar algo nesse sentido". Como o conteúdo não foi contemplado na totalidade e especialmente não houve o manuseio dos livros didáticos, que trariam uma materialidade física para a aula, decidi escrever um texto sobre o assunto dando ênfase as relações com os conceitos geográficos de espaço, paisagem, território e lugar.

Na segunda semana, as aulas 3 e 4 abordaram o tema "Tecnologias nos serviços, transportes e comunicações". No primeiro período, ~~realizado em 23 de outubro de 2024~~, enfrentei um imprevisto: ao chegar na escola, fui avisada que as duas turmas estavam reunidas para uma confraternização. No segundo período, em 24 de outubro, apenas um aluno estava presente. Segui o planejamento da leitura do capítulo 17 do livro didático "Araribá Conecta Geografia", que aborda "o artesanato, a manufatura e a indústria". Após a leitura, discutimos



as percepções do aluno sobre os serviços, transportes e comunicações no contexto das tecnologias do passado, presente e futuro. Embora tenhamos conversado sobre o tema, não senti que tenha sido uma aula por não ter a turma.

Fiquei bastante frustrada por não conseguir seguir com o planejamento e avançar na discussão prevista. Como estagiária, senti frustração em não estar na sala de aula, mas a confraternização me proporcionou uma outra vivência de aprendizagem na escola, a docência é mais ampla do que a sala de aula e ocupa espaços e tempos distintos. Nesse caso, foi uma refeição preparada por uma estudante na cozinha da escola e servida no refeitório. Me chamou atenção que, embora todos conversassem descontraidamente, os lugares ocupados foram separados entre estudantes e professores.

Essas emoções me levaram a buscar orientações para a continuidade do trabalho. O caderno pedagógico da SMED (Totalidades de Conhecimento) destacou a importância da escuta ativa no processo educativo e da flexibilidade no planejamento pedagógico. A escuta é essencial em situações de baixa participação, mesmo com um único aluno. O foco no diálogo e no acolhimento pode gerar aprendizagens significativas, e o silêncio pode ser parte desse processo. A flexibilidade, por sua vez, ajuda a adaptar o planejamento e manter a continuidade por outros caminhos.

Na quinta aula propus traçar um paralelo entre os serviços de saúde e a sociedade tecnológica onde técnica, tecnologia e ciência permeiam a sociedade com aspectos positivos e negativos, quase todos tinham e queriam falar. Foi possível pensar em tempo, espaço, escala, localização, presença, ausência, desigualdades. Em situações como a aula sobre o hospital, o engajamento dos alunos refletiu o que a ciência postula, a utilização de temáticas conectadas ao cotidiano dos estudantes pode mobilizar participações significativas presentes em diálogos que fazem parte de processos educativos e a importância de trabalhar conceitos amplos de maneira contextualizada partindo das experiências de vida dos alunos.

Para a sexta aula elaborei e entreguei um material de apoio que abordava: Reflexão sobre Geografia e Tecnologia na Vida Cotidiana; Somos parte do Espaço Geográfico; Sentindo o Lugar: Nossos Espaços Pessoais e Geografia e a Transformação do Planeta e trazia uma pergunta de reflexão para o fechamento da semana: “quais momentos, tecnologias ou lugares que você viu ou viveu ajudaram você a compreender melhor o que discutimos? Escreva sobre alguma ideia ou experiência que fez você ver a geografia de uma forma nova ou mais próxima da sua realidade.”

Fiz a leitura do texto com pausas para comentários, expliquei a proposta e me coloquei à disposição para dúvidas. Estavam presentes quatro estudantes, dois alunos não realizaram a



tarefa, o que me fez refletir sobre possíveis falhas na proposta. Por outro lado, os outros dois alunos que concluíram a tarefa mostraram dedicação e concentração, mesmo sabendo que não valeria nota.

O engajamento dos alunos nas discussões sobre o hospital reflete a importância de temas conectados ao cotidiano dos estudantes, como postula a ciência educacional. Temáticas relevantes mobilizam participações significativas e reforçam a relevância de trabalhar conceitos amplos de maneira contextualizada, partindo das experiências de vida dos alunos.

Nesse contexto, o Caderno Pedagógico número 8 ressalta a importância de associar conceitos vividos ao conceitual e partir para a análise global da sociedade em seus aspectos temporais e espaciais. Além disso, lidar com as frustrações da não adesão dos alunos requer compreensão das condições de vida dos estudantes, como reforçado pelo Caderno Pedagógico da SMED (1997). Algumas estratégias incluem produzir materiais de apoio mais concisos e atrativos, incorporar estratégias de valorização do diálogo e aceitar o silêncio como parte do processo pedagógico, reconhecendo-o como uma oportunidade para reflexão e reorganização das ideias.

Na quarta semana, as aulas 7 e 8 foram dedicadas ao tema "Tecnologias - Revolução Industrial e Divisão Internacional do Trabalho". No primeiro período, formamos um círculo para estudar um mapa do Atlas IBGE sobre Capacitação Tecnológica no mundo, o que facilitou a participação ativa e a visualização das informações. A sequência de explicações sobre a cartografia, os significados de termos e a análise dos dados gerou um debate enriquecedor. Utilizei uma bolinha com o mapa do mundo estampado para comparar representações planas e "redondas" e visualizar distorções nas formas e tamanhos dos países conforme a posição em relação ao Equador, foi uma metodologia que engajou os alunos e facilitou a compreensão dos conceitos.

No segundo período, utilizei a sala de vídeo da escola para projetar as páginas selecionadas e os exercícios do capítulo do livro didático "Moderna Plus". Fizemos uma leitura conjunta destacando os principais pontos e retomando a aula anterior sobre o mapa de Capacitação Tecnológica. A decisão de usar a projeção foi financeira, já que o capítulo era grande e seria oneroso fazer várias cópias. Apesar da infraestrutura disponível, a fraca iluminação da sala intensificou o cansaço dos alunos. Além disso, o tempo de 40 minutos por período foi novamente um desafio, especialmente para uma aula de estagiário. Ao final, entreguei impressos com atividades para fazerem em casa e entregar na próxima semana.

Organizar a turma em círculo e usar a bolinha com o mapa do mundo ajudaram significativamente na participação dos alunos. Essas metodologias ativas promoveram uma



maior conexão com o conteúdo estudado. A comparação entre a bolinha e o mapa plano foi eficaz para explicar as distorções e conceitos cartográficos de forma visual e simples, tornando o aprendizado mais engajante.

A prática docente desenvolvida nas aulas de Geografia buscou "fugir" do livro didático

O tempo curto de 40 minutos por período foi um dos maiores desafios dessas aulas. Como estagiária, senti a dificuldade de cumprir todo o planejamento em um período tão apertado. Malysz (2013) destaca que o estágio supervisionado é uma oportunidade valiosa para futuros professores vivenciarem esses desafios e refletirem sobre sua prática. Adaptei as atividades da melhor forma possível e aprendi a ser flexível e a planejar de acordo com as limitações de tempo.

Na última semana do estágio, comecei a nona aula questionando quem deles já havia morado em áreas rurais ou tinha familiares agricultores, e quem nunca havia estado em uma área rural. Essa introdução buscou conectar os alunos pessoalmente com o tema. Utilizamos os textos e imagens do livro didático "Araribá Conecta Geografia" disponível na escola para a problematização de questões como a utilização de mão de obra humana, o tamanho das propriedades rurais e o manejo ambiental.

No segundo período, seguimos com o livro, mas avançamos para a área urbana. A discussão foi dirigida à urbanização de Porto Alegre, abordando mudanças na cidade ao longo dos anos, a evolução do bairro da escola e a relação das enchentes de 2023 e 2024 com a urbanização.

Para o fechamento do primeiro período, os alunos foram solicitados a responder a pergunta: "Com base nas observações de hoje, como o espaço rural pode ser mais valorizado do ponto de vista do trabalho humano?". No segundo período, a pergunta foi: "Com base nas observações de hoje, o que vocês acham que poderia ser melhorado em Porto Alegre para termos um espaço urbano mais agradável, seguro e acessível?".

Essas atividades buscaram estimular a reflexão crítica e o envolvimento ativo dos alunos. A avaliação foi realizada por meio de observações sobre o envolvimento e a participação nas atividades orais e escritas, com mediação individual e/ou coletiva sempre que necessário.

As aulas desta semana também reforçaram a importância de conectar os conteúdos teóricos com as vivências pessoais dos alunos, promovendo um ensino significativo e contextualizado. Utilizar recursos visuais e questionamentos problematizadores facilitou a

compreensão dos conceitos e incentivou a participação ativa. O desafio de lidar com o tempo



limitado das aulas continuou, mas a adaptação das atividades e o foco em metodologias ativas ajudaram a manter o engajamento da turma.

O estágio supervisionado em Geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA) proporcionou uma rica jornada de aprendizado e reflexão. A experiência destacou a importância da flexibilidade no planejamento pedagógico e a relevância de adaptar as atividades ao contexto específico dos alunos da EJA. Ao longo das semanas, aprendi a lidar com as diversidades de aprendizagem, o cansaço dos alunos do período noturno e as dificuldades de adesão às tarefas propostas. Além disso, percebi a necessidade de ajustar constantemente a mediação das aulas, buscando o equilíbrio entre os conteúdos curriculares e a valorização das experiências dos estudantes.

Outro aprendizado importante foi a utilização de metodologias ativas, como círculos de estudo, que permitiram maior engajamento dos alunos. Essas metodologias também contribuíram para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos estudantes, abordando conceitos como espaço, território, paisagem e lugar de maneira contextualizada, relacionada ao cotidiano dos alunos. A prática de escuta ativa foi essencial, permitindo que os alunos expressassem suas opiniões e reflexões antes das intervenções conceituais.

A experiência também evidenciou a importância de um ensino mais flexível, que ultrapassa os limites do livro didático, incorporando a análise de materiais audiovisuais, o uso de mapas, e atividades práticas. O estágio demonstrou que a docência na EJA exige um olhar atento às necessidades dos alunos, respeitando suas condições e buscando formas de envolvê-los no processo de aprendizagem de maneira significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado na EJA foi uma etapa fundamental no desenvolvimento da minha prática pedagógica, permitindo que eu aplicasse os conhecimentos adquiridos no curso de Licenciatura em Geografia de forma concreta e desafiadora. A reflexão contínua sobre as metodologias empregadas e os feedbacks dos alunos me proporcionaram um aprofundamento na compreensão do papel do educador na EJA, com foco na escuta ativa, na adaptação dos conteúdos às vivências dos alunos e na valorização do conhecimento dos estudantes.

Os desafios enfrentados, como a falta de adesão em algumas atividades e a gestão do tempo limitado das aulas, foram compensados por momentos gratificantes, como as discussões enriquecedoras e a percepção de que os alunos estavam, de fato, refletindo sobre os temas propostos. O estágio me ensinou que a docência vai além da transmissão de



conhecimento: ela envolve a construção de um espaço de diálogo e reflexão mútua, onde o conteúdo geográfico se conecta com a vida e as experiências dos alunos. A experiência me permitiu, ainda, perceber a importância de ajustar as estratégias pedagógicas de acordo com as realidades dos alunos, garantindo um ensino mais inclusivo e significativo.

Em suma, o estágio supervisionado na EJA foi uma oportunidade ímpar para experimentar e refletir sobre as práticas pedagógicas, reforçando a importância de ser uma professora flexível, atenta às necessidades dos alunos e disposta a aprender com cada desafio encontrado.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, L. de S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

GOHN, M. G. M.. **Educação Não Formal: Direitos e Aprendizagens dos Cidadãos (ãs) em tempos do Coronavírus**. Humanidades & Inovação, v. 7, p. 9-20, 2020.

KAERCHER, N. A. ; THEVES, D. W. . **Machado em nosso mar congelado, Minuto deus: decepcionar leitores para geografizar nossa existência e existenciar a Geografia**. In: MARTINS, R. E. M. W.; TONINI, I. M.; COSTELLA, R. Z.. (Org.). Geografias interativas. 1ed.Florianópolis: Editora UDESC, 2020, v. , p. 255-274.

KAERCHER, Nestor André. **Práticas geográficas para lerpensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo**. In: REGO, Nelson, CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos e KAERCHER, Nestor André. (orgs.) Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MALYSZ, Sandra T. **Estágio em parceria universidade-educação básica**. In: PASSINI, Elza Yasuko. PASSINI, Romão. MALYSZ, Sandra T. (Org). Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo: Contexto, 2013.

SCANDELAI, Natálie Roncaglia. **Planejamento**. In: PASSINI, Elza Yasuko. PASSINI, Romão. MALYSZ, Sandra T. (Org). Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo. Contexto. Edição do Kindle.

SMED. Secretaria Municipal de Educação De Porto Alegre. **Totalidades de Conhecimento**. 3ª ed. Cadernos Pedagógicos. Porto Alegre: SMED. Nº 8. Set, 1997.

TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Ligia Beatriz. **Desafios para potencializar o Livro Didático de Geografia**. In: TONINI, Ivaine Maria et al. O livro didático de geografia e os desafios da docência para aprendizagem. Porto Alegre: Sulina, 2017, pg. 259-271.

